

DOI:10.4025/5cih.pphuem.0708

A Teia, a Tela e o Tempo: Internet e História do Tempo Presente no Brasil (2001-2010)Pedro Eurico Rodrigues¹

Resumo: Este trabalho é fruto do projeto de mestrado intitulado “Do on-line para off-line: sociabilidades, cultura escrita e experiências virtuais proporcionadas pela internet no Brasil do início do século XXI (2001-2010)” desenvolvido no programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH - UDESC), com ênfase em História do Tempo Presente, o tal projeto é financiado pela Capes. Assim, pretende-se investigar as novas sensibilidades criadas a partir da Internet na primeira década do século XXI. Desta forma, a Internet será utilizada como fonte, analisada dentro da perspectiva da História da Cultura Escrita e da Leitura (CHARTIER, DARTON). Ao trabalhar com a Internet será analisada a rede social Orkut em três perspectivas : 1) Sociabilidades; 2) Escrita da Internet; 3) Memória. As sociabilidades serão vistas da forma como os indivíduos se conectam e interagem entre si, pois tal site de relacionamento tem o intuito de juntar esses indivíduos (ELIAS) que rompem as barreiras do on-line para off-line, praticando namoros e amizades, por exemplo. A escrita da Internet, aparece nas comunidades e perfis da rede social, onde pode-se verificar uma nova escrita, conhecida como “Internetês”. Escrita essa, que pode-se considerar um fenômeno do presentismo, regime que segundo HARTOG, ocupou o lugar do regime moderno de historicidade (1789-1989). Já a memória aparece no Orkut nas formas de guardar fotos e depoimentos, onde é possível verificar aí uma musealização do presente, termo cunhado por HUYSSSEN, onde tudo passa ser fotografado, registrado, e o presente passa assim ser preservado, aprisionado na rede social da internet, seja através dos álbuns de fotografias dispostos na rede, seja através de depoimentos e comentários que dão indícios desse passado. A rede social Orkut passa então ser um objeto valioso para a História do Tempo Presente. Onde se notam os retornos dos testemunhos: pra além da visão, do estar lá, agora se verifica a produção de uma nova escrita, sociabilidades, e memórias com o intuito de salvaguarda do tempo e do espaço, o momento do passado que se pretende lembrar no presente. Caracterizando um tempo passado cada vez mais próximo, devido a aceleração do tempo (NORA). Outra fonte que será utilizada para perceber esse momento no Brasil, será as matérias da Revista Veja, periódico de informação semanal de variedades, onde será verificado o aparecimento da rede social bem como o da Internet. Pela Internet existe uma gama enorme de documentos passíveis de serem analisados, por isso se faz necessário um recorte temporal e espacial: serão analisados entre 2001 e 2010 no Brasil, sendo o primeiro o ano um alargamento dos usuários da internet, e o segundo quando acaba o recorte da pesquisa, caracterizando o fim da década com experiências na internet apontados pelo projeto. Assim pretende-se verificar de que forma essas questões se fazem presentes no Orkut.

Palavras-Chave: História do Tempo Presente – História da Cultura Escrita e da Leitura - Internet

Criar meu web site/Fazer minha **home-page**/ Com quantos **gigabytes**/Se faz uma jangada/Um barco que veleje/Que veleje nesse informar/ Que aproveite a vazante da infomaré/Que leve um oriki do meu orixá/Ao porto de um **disquete** de um **micro** em Taipé/Um barco que veleje nesse infomar/Que aproveite a vazante da infomaré/Que leve meu **e-mail** até Calcutá/Depois de um **hot-link**/Num **site** de Helsinque/Para abastecer/Eu quero entrar na **rede**/ Promover um debate/Juntar via **Internet**/Um grupo de tietes de Connecticut/De Connecticut de acessar/O chefe da Mac Milícia de Milão/Um **hacker** mafioso acaba de soltar/Um **vírus** para atacar os programas no Japão/Eu quero entrar na rede para contatar/Os lares do Nepal, os bares do Gabão/Que o chefe da polícia carioca avisa pelo **celular**/Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar...²

Home-page, gigabytes, micro(computador), e-mail, hot-link, Internet, hacker, vírus e celular, são palavras que usualmente não frequentam a escrita da história. Provindas de uma nova sensibilidade global a entrada dessas novas nomenclaturas interferiu e vem interferindo, direta e indiretamente, no cotidiano de milhares de pessoas. Especificamente no Brasil acessar a internet tem sido cada vez mais comum, seja pela facilitação de compras de microcomputadores, o acesso as lan-houses e os ciber-cafés (outras nomenclaturas bastante difundidas ultimamente), bem como os laboratórios de informática em algumas escolas, universidades, institutos técnicos públicos e bibliotecas do país, isso pensando no acesso de forma direta. Há também os que são afetados indiretamente, tanto os que não tiveram acesso a cultura escrita escolar³ bem como aqueles que não tem tempo e/ou dinheiro pra acompanhar todas as novidades, já que se veem tendo que decorar senhas de bancos, ouvindo propagandas e reportagens sobre a internet em revistas, nas rádios e na televisão, ou seja, mesmo quem não está no on-line⁴, efetivamente, é colocado neste turbilhão informacional causado pelo “tsunami” da “infomaré”. Esses aspectos mudaram a forma de lidar com a informação, com os relacionamentos, com a escrita, com a leitura e com a educação, bem como, com realização de compras e de se comunicar. Essa onda de mudanças está posta e efetivamente atinge boa parte da população brasileira e mundial no tempo de quinze anos.

Tempo em que pelo menos uma geração já tem essas nomenclaturas e outras naturalizadas e internalizadas no seu cotidiano. Em uma turma de 5º ano (alunos de nove e dez anos) de uma escola particular de Florianópolis no ano de 2009, onde ministrava uma disciplina de Rádio Escola, um dos temas de programas escolhidos pelos alunos foi falar sobre a Internet e as novidades que ela trazia, como jogos, vídeos e suas redes sociais. Então na aula seguinte discuti com eles como era a Internet que eu conheci, que vi mudar: era a internet discada⁵, que esperávamos, as vezes, até uma hora para ficarmos on-line, que as imagens demoravam muito para abrir. O que eu ouvi foram várias gargalhadas, e no meio delas uma pergunta: “Não existia banda larga, professor?”. A perplexidade dos alunos com a resposta negativa me fez perceber o quanto era considerável para história tentar entender essas novas sensibilidades que estavam cada vez mais naturalizadas para estas e outras gerações. A primeira atitude que tomamos hoje, inevitavelmente, ao pensarmos um novo tema de pesquisa é buscando-o na página do Google⁶. Ao digitar “História da Internet” no campo de busca do site, para verificar se algum historiador se aventurou a problematizar o tema tive uma grande surpresa, pois o primeiro link que apareceu foi da Wikipedia⁷, onde se encontra uma história laudatória e técnica demais, com conceitos da informática não

priorizando os sujeitos que nela navegam, além de sugerir outros tantos links, certamente uma característica impar do texto eletrônico (CHARTIER, 2002, 2009). Os outros links que o site de busca me apresentara eram provindos de blogs comentando superficialmente o assunto, bem com sites de notícias dizendo de que a internet estava completando 40 anos.

Ora, a História da Internet seria algo muito abrangente para um historiador poder se debruçar, e certamente essa história viria com recortes, tanto temporais, bem como temáticos e os teóricos. Pensando dessa forma, comecei a me perguntar de que forma a história poderia se apropriar da internet afim de construir um passado recente? Que fontes poderiam me dar essas respostas? Ao começar estranhar o que me era comum, me deparei com longos comentários no Twitter⁸ sobre a notícia daquele momento (setembro de 2009): o casamento de dois blogueiros que foram patrocinados pela secretaria de turismo de Porto de Galinhas (PE) para a realização do seu casamento, o que gerou comentários favoráveis e contrários a esta prática. Esse episódio me ajudou a pensar quantas sociabilidades a internet havia proporcionado nessa última década, quantos casamentos, namoros e amizades surgiram apenas por estar junto através do contato tela à tela? E a palavra-chave sociabilidade então surgiu, era isso. Pesquisar as sociabilidades da internet, o romper de barreiras do virtual pelo simples fato de (re)conhecer o outro, que antes estava em uma distância somente alcançada pelo computador.

A História do Tempo Presente caiu como uma luva para essa abordagem, pois percebemos nesta, uma necessidade de se escrever a História através do presente, rompendo com a História teleológica aportada no futuro. A História do Tempo Presente vem tentando sanar esses problemas, porém não foi a primeira a trabalhar nesta perspectiva, pois já notamos essas urgências de presente na primeira geração dos *Analles* com Lucien Febre e Marc Bloch. Desde então, vemos um crescente nas pesquisas e nas metodologias ancoradas no presente. O primeiro, afirmava que “a análise do presente” podia dar “a régua e o compasso” à pesquisa histórica (CHAUVEAU; TÉTART, 1999: 10), já o segundo escrevia: “a incompreensão do passado nasce afinal da ignorância do presente” (CHAUVEAU; TÉTART, 1999:10). Já nos fins da década de 1970, com a criação do IHTP, Instituto de História do Tempo Presente, vê-se a emergência dos “retornos” do político e do fato, e dos testemunhos do tempo mais próximo, principalmente os do pós-guerra. O intuito do IHTP estava atrelado a defesa do campo historiográfico, pois em 1963 Jean Lacouture, jornalista, escreve “A história imediata”, livro que traz um compêndio de pesquisas com recortes temporais próximos (particularmente os anos 1930 e o pós-guerra) (CHAUVEAU; TÉTART, 1999: 13). Jean-Pierre Rioux, nos lembra que as vanguardas da História do Tempo Presente, por muito tempo, estavam atreladas aos historiadores do político, e coloca as implicações para “Bom senso do artesão” do Tempo Presente:

A história do tempo presente, como vemos, nasceu sem dúvida bem mais de uma impaciência social do que de um imperativo historiográfico, pelo menos na França. E os historiadores do recente, nadando na indolência conceptual assinalada há pouco, mas bastante bem garantidos sobre suas retaguardas sociais, fizeram bonito, no final das contas, martelando o bom senso do velho artesão, metodologicamente pouco sofisticado mas passavelmente percuciente: o argumento da “falta de recuo” não se sustenta, dizem eles, pois é o próprio historiador, desempacotando sua caixa de instrumentos e experimentando suas hipóteses de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, o famoso “recuo”. (RIOUX, 1999: 43)

As grandes guerras vêm como um soco ao fazer com que o historiador se confronte com horrores experimentados pelos seus sobreviventes, como em “O

massacre de Civitella Val di Chiana” onde Alessandro Portelli historiciza a execução de 115 civis (homens) italianos em 29 de junho de 1944 através da memória das mulheres que sobreviveram e os enterraram (PORTELLI, 2006). Novas metodologias se fizeram necessárias: violar e guardar memórias através da história oral em suportes, primeiramente, via fita magnética e hoje via gravadores digitais. Assim podemos olhar o para História do Tempo Presente como horizonte onde não há instrumento de referência, tudo está por fazer. Ou seja, como sugere Rioux, munido de sua caixa de instrumentos o historiador passa a criar um passado a partir das tecnologias e teorias que lhe asseguram no presente.

Pode-se pensar a História do Tempo Presente também como uma “história no gerúndio”, que está acontecendo, e cabe ao historiador usar dos recursos tecnológicos necessários para construir sua narrativa. Já se usou a tinta e a pena, posteriormente caneta, a máquina de escrever, e hoje o computador. Historiadores sempre tiveram o receio do novo, e cada qual no seu tempo, ou regime de historicidade, sofreu por olhar diferente de seus pares: Tucídites com o “ver” se contrapondo ao “ouvir” de Heródoto (HARTOG, 2003 : 57), buscando outra verdade, pensando que a memória era falha; Jules Michelet, o historiador apaixonado pela França, ao contrapor-se à história crônica que, segundo ele, estava fadada ao balbucio, inclui o povo em suas narrativas (DOSSE, 2001 : 16); Marc Bloch e Lucien Febvre lançando a revista dos *Annales* em 1929 se contrapõem aos seus professores, introduzindo novas maneiras de olhar para o passado: Bloch com o livro “Os reis taumaturgos” traz as mentalidades para o cerne dessas novas discussões. Novas fontes foram trazidas à tona, e através delas foi possível olhar para o passado para além dos documentos ditos “oficiais”.

O que aflige os historiadores é o suporte em que as fontes são guardadas. Comumente estas se encontram em arquivos, acervos pessoais e bibliotecas, ou seja, em locais físicos, ao contrário da internet, onde os documentos são guardados em local virtual. Se perguntarmos para fontes do primeiro grupo, sobre a questão da sociabilidade na Internet na primeira década do século XXI, por exemplo, iremos obter poucas informações, geralmente através do registro da imprensa nessa década, fotos e diários pessoais - as “escritas de dentro” (CUNHA, 2009) . Desta forma haveria lacunas para construir uma narrativa capaz de contemplar, por exemplo, o olhar daqueles que participaram do processo. Ao incluir a internet como fonte, podemos olhar para outras questões ao verificar trocas de e-mail, redes sociais e blogs. Estas podem ser consideradas “escritas de fora” (CUNHA, op cit.), auxiliando para que a narrativa histórica faça um desenho mais vívido desse passado, como coloca Albuquerque

Não podemos fugir do limite imposto pelo nosso arquivo. Só podemos historicizar aquilo que deixou rastros de sua produção pelo homem, em dado momento e espaço. Mas desaparecem as fontes privilegiadas da História, ou aspectos de que o historiador não poderia se ocupar e tudo se torna historicizável e fonte de historicidade (ALBUQUERQUE, 2007:64)

Assim concordando com o historiador, buscarei problematizar a internet como fonte para a história, lembrando que somente a sua parte escrita será analisada, dentro dos aportes teóricos da cultura escrita, onde são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos” (CHARTIER, apud CUNHA, 2009:251).

Navegando pelas fontes da “Infomaré”

A música de Gilberto Gil, lançada nos fins do século XX nos faz perceber uma nova temporalidade que começa a se tornar presente no Brasil, onde o indivíduo está saturado de “agoras” (BENJAMIN, 1987:222-233). Este passa a estar em vários lugares

ao mesmo tempo, como nos sugere a música “Pela Internet”: Taípe, Calcutá, Helsinque, Connecticut, Milão, Japão, Nepal, Gabão, praça onze, mostrando que essa “globalização imaginada” (GARCÍA CANCLINI, 2007) está pra além das transações na bolsa de valores e viagens/migrações internacionais. O indivíduo pode agora experimentar um outro tipo de viagem, através da tela do seu computador pessoal, sem sair de casa, podendo ler e escrever, além de interagir com outras pessoas do seu país e do mundo. Este indivíduo que ficou conhecido como internauta, ou o navegador desse “infomar”, como denuncia a música, se multiplicou tão rápido paralelamente ao crescimento da teia, a *web*, e é desses desbravadores/as e os seus rastros nos muitos mares cibernéticos que trata esse trabalho. Como todo desbravador/a de um novo mundo, encontram-se percalços dos mais infundáveis.

No momento em que a música “Pela Internet” foi lançada no Brasil no ano de 1997, a Internet ainda era um “não-lugar”⁹ (AUGE, 1994) pouco praticado e restrito a poucas pessoas. Algumas instituições públicas e privadas estavam implementando o seu acesso, e no âmbito do privado ter um computador com acesso à rede era considerado artigo do luxo. Além dos altos custos dos microcomputadores, os provedores de internet eram restritos e com um custo considerado alto para os poucos benefícios que proporcionavam (geralmente uma conta de e-mail e acesso ao conteúdo de jornais). Podemos perceber isto a partir da coluna Hipertexto da Revista Veja de 8 de janeiro de 1997: “Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar à rede”¹⁰. Já uma propaganda da mesma revista em dezembro de 1996 nos dá indícios do preço de um computador doméstico, na “Promoção especial de Natal”¹¹ da Itautec: o preço à vista era de R\$ 3180,00 ou 18 vezes de R\$ 231,03 sem entrada, totalizando R\$4158,54. Tendo em vista que o salário mínimo do ano de 1997 era de R\$ 120,00¹², podemos inferir que a compra de um computador naquele preço, mesmo parcelada, era restrita a uma parcela pequena da população Brasileira.

Assim, outro dado que demonstra o acesso restrito à internet no final do século XX é a apresentação do especial da Revista Veja com o tema “Computador” em Dezembro de 1995 :

Só muito recentemente, e com especial vigor neste ano de 1995, o computador entrou na linguagem, na cultura, na vida do brasileiro médio. Não em termos de posse - **pouco mais de 1% da população do país tem um micro em casa.**¹³

Podemos notar que a atenção dada pela Revista Veja tem um intuito de mostrar o presente de forma imediata, pois tenta dar conta do processo de informatização em que o Brasil está entrando no momento, sem problematizar muitas das questões que a revista traz consigo. Um exemplo disso é a primeira propaganda da revista que diz o seguinte: “A IBM inventou o computador. Maiores informações nas próximas 160 páginas”¹⁴. Como nos sugere Rioux, essa história imediata “se concentra em ressuscitar, incansavelmente e com altivez, a vida que vai e vem”(1999:126). O autor ainda comenta o papel do jornalista e de que forma a história pode se beneficiar com isso:

O jornalista quer tenha os papéis de repórter, de redator ou de cronista, é um Sísifo do efêmero que “escreve para o esquecimento”, dizia justamente Henry Béraud em 1927 em *Le Flâneur salarié*. Sua missão cotidiana consiste em mergulhar sem enfado na torrente ininterrupta de acontecimentos confusos que faz a atualidade em vencer a angustia da pequena morte diária – a página de jornal é destinada ao lixo, a palavra e a imagem voam sem deixar traço tangível e são só com o risco de acreditar que ele trabalha para o futuro ou de sonhar em editar um dia em volume seus trechos escolhidos (RIOUX, 1999:120)

O jornalista é aquele que “escreve para o esquecimento”, considerando aqui as

“pequenas mortes diárias” em que a revista da semana será sempre substituída pelo lançamento seguinte, ou seja, a prática jornalística é aquela que visa o futuro, “sonhando em editar um dia em volume seus trechos escolhidos”. O historiador é aquele que realiza o sonho do jornalista. Sua prática pinça estes trechos produzidos no passado, problematiza-os e os traz à tona no presente na forma de narrativa histórica. Perceber aspectos da internet vivenciada nesse período só é possível através de periódicos e revistas, pois o acesso às antigas páginas não é possível.

A Revista Veja foi escolhida como fonte desse período por ter uma grande circulação, e por se tratar de uma revista semanal de informação com uma grande tiragem. No site da revista há um parte dedicada ao especial de 30 anos¹⁵. Lá existe um comparativo do crescimento da circulação da revista em forma de gráfico, onde podemos verificar que em 1993 o número de revistas era de 767.700 e em 1998, 1.148.800. Podemos inferir com isso que a revista Veja tem um grande número de leitores no Brasil, segundo Corrêa (2008:221) a revista Veja em 2008 chegou a um milhão de assinaturas mais cento e oitenta mil exemplares na banca, fazendo com que a revista alcançasse a 4º posição de revista semanal no mundo, sendo a única fora dos Estados Unidos. Isso nos mostra que revista percorre várias casas, empresas, consultórios médicos e odontológicos, aeroportos, entre outros lugares e não-lugares. Outro fator da escolha da Veja como fonte é a facilidade do seu acesso, pois disponibiliza todos os exemplares do seu acervo em formato digital no site <http://veja.abril.com.br/acervodigital/>. Portanto, para analisar os caminhos dos usos da internet durante o período proposto para este trabalho (2001 – 2010), considera-se bastante relevante o contato com esta fonte, pois ela auxilia na construção de uma imagem que a internet não possibilita mais, afinal os portais antigos e alguns sites já estão fora do ar. Além disto, em seus conteúdos pode-se ter uma leitura das práticas e representações (CHARTIER, 2009b) proporcionadas pela internet.

A passos lentos a Internet no Brasil da segunda metade da década de 1990 estava atrelada a sites de grandes empresas e portais de notícias, sites de compra e venda, e as novidades do momento eram o correio eletrônico – e-mail -, e as salas de bate-papo, além dos sites voltados pra o público “adulto” com conteúdos pornográficos. Este formato se estende até o ano de 2004 quando a internet passa a se modificar devido à criação da Web 2.0, onde o internauta deixa de ser mero “leitor” e “espectador” passivo, e passa a construir os seus próprios conteúdos, além de comentar e interagir muito mais rapidamente com outros internautas, colunistas, jornais, revistas, companhias de televisão etc. Paula Sibília explora as características desse novo momento, e explica a Web 2.0:

Trata-se, em suma de um verdadeiro caldeirão de novidades que ganhou o pomposo nome de “revolução Web 2.0” e a acabou *nos* convertendo nas personalidades do momento. Essa expressão foi cunhada em 2004, em um debate do qual participavam vários representantes da cibercultura, executivos e empresários do Vale do Silício. A intenção era batizar uma nova etapa de desenvolvimento da internet, após a decepção gerada pelo fracasso das companhias pontocom: enquanto a primeira geração de empresas on-line procurava “vender coisas”, a Web 2.0 “confia nos usuários como co-desenvolvedores”. Agora a meta é “ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias e informação”, segundo reza uma das tantas definições oficiais, “equilibrando a grande demanda com o auto serviço”. Essa peculiar combinação do velho slogan *faça você mesmo* com o novo mandato *mostre-se como for*, porém, vem transbordando as fronteiras da internet. A tendência tem contagiado outros meios de comunicação mais tradicionais, enchendo páginas e mais páginas de revistas, jornais e livros, além de invadir as telas do cinema e da televisão.(SIBÍLIA, 2008:14)

É esse o momento em que a Internet deixa de ser um não-lugar e passa a ser um espaço praticado (CERTEAU, 2008), pois o internauta agora é o produtor de si mesmo na rede, criando uma identidade do off-line no on-line. Isso só é possível com a criação das redes sociais na Internet¹⁶. O indivíduo que antes se escondia atrás da máscara do *nickname*, em salas de bate papo ou comunicadores instantâneos como o MSN, MIRC e ICQ, agora passa a se revelar na rede colocando os seus dados como nome, profissão, preferência política, religiosa e sexual. Desse forma este trabalho visa analisar as produções de si (GOMES, 2004) em uma rede social que se popularizou no ano de 2005: o Orkut.

O internauta que acessa pela primeira vez a página do Orkut, ao seu cadastrar, é desafiado a responder a seguinte questão: “Quem sou eu”. Esta pergunta, e conseqüentemente as respostas, possibilitam a construção de identidades. Pode-se muitas vezes encontrar ali uma pequena biografia, em forma de uma letra de música, um poema, algo que dê identidade ao indivíduo. Uma identidade, como coloca Zygmunt Bauman, que tenta “recriar a realidade a semelhança da idéia”(BAUMAN, 2005:26), ou seja, nestes perfis são colocados projeções que os sujeitos buscam aparentar, seja no âmbito da erudição, com um poema, por exemplo, seja no âmbito religioso, com uma oração ou frase, ou ainda há os que se definem por letras de músicas e vídeos. No virtual essa identidade torna-se moldável de acordo com o humor e a disposição de construção de si de cada um. Dentro do perfil além de fotos e vídeos, podemos saber várias outras informações como a data de aniversário, se o usuário tem filhos ou não, a religião, o humor (sarcástico, simpático, grosseiro), preferências de músicas e filmes, entre outras coisas.

Estes espaços de sociabilidades virtuais são entendidos como possibilidades para a construção de si e para a construção de identidades. Pode-se perceber que estas são dadas a partir de ferramentas oferecidas pela rede social ao usuário, que através dos chamados perfis, possibilitam o tracejar de personalidades. Outras ferramentas disponíveis também auxiliam na construção de perfis: as comunidades. São fóruns abertos ao debate de usuários que ali decidiram estar. Toda comunidade tem um moderador, ou dono, geralmente o criador, que permite ou não a entrada de um indivíduo. Porém, as comunidades tomam outras proporções; mesmo não sendo utilizadas para o fim de debates – na ordem do cotidiano – estes pequenos (ou grandes) grupos encontrados dentro da rede funcionam como meio para se difundir gostos e opiniões, muitas vezes até numa proporção maior que o próprio debate – proposta inicial das comunidades. Por meio delas, o usuário mostra aos outros seus gostos, suas preferências, suas opiniões, e somadas aos perfis e às fotografias disponibilizadas por ele próprio, formam um caráter on-line da pessoa.

O Orkut segue, aparentemente, com o “simples” intuito de “juntar” pessoas que já não se viam há muito tempo, ou seja, amigos da infância que se mudaram, amigos do trabalho, da escola, entre outras relações, com a finalidade de (re)encontrar conhecidos. Porém a rede social toma proporções que “fogem” do controle, ou não, de seus criadores, pois nas comunidades pessoas diferentes e estranhas entre si se “juntam” para debater assuntos variados, conversar, ou simplesmente desabafar. É a partir daí que surgem as sociabilidades. Estas sociabilidades virtuais são relações que os indivíduos mantêm entre si, e que, espontaneamente ou não, geram regras e atitudes esperadas, formam comportamentos e condutas. Assim, concordo com Norbert Elias no que tange as relações humanas, bem como seus conceitos de indivíduos e sociedades, que um não está e nem nunca estará distanciado do outro:

Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar, e sentir no convívio com

outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo.(ELIAS, 1994:67)

As redes sociais também não funcionam sem indivíduos, e são estes que movimentam e constroem esses espaços. Das comunidades do Orkut saem namoros, cineclubes, e encontros. Há também o outro lado, o da exclusão, como o bullying digital, manifestações de racismo, de homofobia, de machismo, como preconceitos, e violência. É lamentável, mas a internet, bem como suas redes sociais, não são diferentes da sociedade que as utiliza. Porém, não quero me ater aqui a estes assuntos, pois renderiam muitos outros trabalhos. Assim análises relativas ao Orkut centram-se em três pontos: 1) Sociabilidades; 2) Escrita da Internet; 3) Memória.

No que tangencia as sociabilidades, o Orkut promove e promoveu muitos encontros e reencontros. Devido tal pluralidade de sociabilidades, vou me ater a apenas um grupo de doze mulheres de todo o Brasil que decidiram se encontrar através do uso da rede social. Estas mulheres começam a travar relações a partir do momento que começaram a fazer parte da comunidade: “Jovens Acima de 50 anos”. Por entrarem em uma comunidade, já se pode delimitar um ponto convergente entre todos esses perfis: trata-se de um grupo que compartilha a mesma faixa etária – acima de 50 anos. A partir disto se pode perceber que, junto a essa faixa etária em comum, vem a comunhão de estilos de vida que se parecem e se assemelham por diversos motivos, dentre eles pelo fato de serem todas das classes médias da sociedade, compartilhando assim um lugar social que se corresponde. Através da idade e da classe social onde estão inseridas, pode-se traçar parte de um perfil em comum. Boa parte destas mulheres tem filhos e/ou maridos, até netos e netas. Também já estão em fase final de carreira, e em boa parte dos casos já são aposentadas. Sendo assim, pode-se inferir que estão inseridas num cotidiano voltado à família e ao trabalho, às vidas reais. É em busca de novas possibilidades e novas experiências que estas mulheres se lançam na rede e começam a traçar um caminho em conjunto.

Ao problematizar a escrita da Internet através do Orkut, a abordagem se dará a partir da comunidade “Não ao internetês” criada em 2005, hoje com 290 usuários, que combate o uso da nova linguagem digital – o internetês. Que é uma linguagem que modifica a língua portuguesa, onde as palavras se transformam em signos incompreensíveis e são, geralmente, reduzidas em fonemas, perdendo o seu sentido original. Há também os caracteres que se transformam em emoções com coloca Chartier:

É o caso da invenção dos símbolos, os *emotions*, como se diz em inglês, que utilizam de maneira pictográfica alguns caracteres do teclado (parênteses, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos) para indicar o registro de significados das palavras alegria :-), tristeza :-(ironia ;-), ira :-@ ... ilustram a procura de uma linguagem não-verbal e que, por essa mesma razão, possa permitir a comunicação universal das emoções e o sentido do discurso. (CHARTIER, 2002:17)

Na nova linguagem para além dos *emotions*, há palavras como KSA (casa), VC (você), TC (teclar), entre outras, que são combatidas pelos internautas da comunidade citada acima. Nesta comunidade, temos apenas um pequeno grupo contra uma nova linguagem que já saiu do on-line para off-line, pois hoje já é comum propagandas de diversos estabelecimentos se utilizarem destes recursos para atraírem a atenção do jovens. Estes por sua vez, se utilizam da nova linguagem no intuito de acelerar as conversas simultâneas, usam-se de táticas (CERTÉAU,2008) para subverter a língua dentro desse espaço e tempo delimitado.

A memória aparece no Orkut nas formas guardar, fotos e depoimentos, onde é possível verificar a musealização do presente termo cunhado por Andréas Huyssen.

Essa vontade de guardar está atrelada a manter o presente cada vez mais próximo, Huysen comenta que essa vontade de guardar vem o “Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca do conforto”(HUYSEN, 2000:32)

Ler esse presente se faz necessário, dando a ele um sentido e transmitindo as novas gerações experiências desse turbilhão de possibilidades que muitas vezes se naturalizam e passam despercebidos. Jean-Pierre Rioux nos ajuda a problematizar essa questão:

Como não sentir além disso que uma reflexão da história sobre o presente pode ajudar as gerações que crescem a combater a temporalidade contemporânea, a medir o pleno efeito destas fontes originais, sonoras e em imagens, que as mídias fabricam, a relativizar o hino à novidade tão comumente entoado, a se desfazer desse imediatismo vivido que aprisiona a consciência histórica como a folha de plástico “protege” no congelador um alimento que não se consome? (RIOUX, 1999:46)

Por mais difícil que seja, temos que retirar o “plástico que protege”, que aprisiona a consciência histórica, e fazer com que olhemos para os fenômenos do presente. Ao voltar os olhos para a internet, um campo movediço, rápido e muitas vezes traiçoeiro, mas que nos mostra inúmeras possibilidades de ver o passado. Pra isso, procurarei aqui, não olhar a rede como um todo uniforme, pois ela é o contrário, algo heterogêneo que possibilita vários olhares e tantas outras abordagens. Como sugere Roger Chartier “o historiador do tempo presente, por sua capacidade de construir observatórios ajustados às suas preocupações, parece estar em condições de superar os entraves que classicamente limitam a investigação histórica.” (CHARTIER, 2006:216). Portanto o historiador que se lança às pesquisas que envolvem a internet e que propõem trabalhá-la como fonte devem comprometer-se com as especificidades que ela traz, como as citadas acima. Não se pode simplesmente transpor metodologias; a forma de se trabalhar com a fonte virtual ainda está por fazer; e é o que proponho aqui. Tais fontes trazem à cena uma infinidade de abordagens possíveis. Entender a internet como campo da cultura escrita é uma das possibilidades de análise.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado: Ensaio de teoria da História*. 2007. Bauru, Edusc, 2007.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005 p.26.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes 2008.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean*

Lebrun: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009a

_____. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009b.

_____. *A visão do historiador modernista*. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.

_____. *Os desafios da Escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Escrever sobre si: diários íntimos e construção de subjetividades*. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Editora da ULBRA, 2006.

_____. *Diários Pessoais: Territórios abertos para a História*. In: PINSKY, Carla Basssnezi, LUCA, Tânia Regina (orgs.) *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: UNESP, 2001.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1994.

FRANK, Robert. *Questões para as fontes do presente*. In: CHAUVEAU, Agnès; TETART, Philippe; BECKER, J. J. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Editora Universidade de Brasília, Brasília 2003.

_____. *Regimes de Historicidade: Time, History and the Writing of History: the Order of Time*. In: KVHAA *Konferenser* Stockholm 1996. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*

HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000.

PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana* (Toscana: 29 de junho de 1994): mito, política e senso comum In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.

Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil :

TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. Coordenação executiva e editorial Alexandre F.Barbosa; São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. Disponível em <http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm> acessado em 01 de out de 2009.

Recuero, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès; Tétart, Philippe (Org). *Questões para o presente*. Bauru, SP. EDUSC, 1999.

_____. *Entre história e jornalismo*. In: CHAUVEAU, Agnès; TETART, Philippe; BECKER, J. J. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Por uma história da Cultura Escrita: Observações e Reflexões*. In: Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância. Santarem, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarem. 2001

¹ Autor Pedro Eurico Rodrigues mestrando do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-UDESC) onde desenvolve o projeto intitulado “Do on-line para off-line: sociabilidades, cultura escrita e experiências virtuais proporcionadas pela internet no Brasil do início do século XXI (2001-2010) que é financiada pela CAPES.

2 GIL, Gilberto. Quanta. 1997. Warner Music. (Grifos do autor)

3 Concordo com Vinão Frago (2001) quando diz que: “a linguagem é uma convenção, algo produzido e utilizado por seres humanos em situações de interação. E o escrito é somente uma das modalidades da linguagem. Uma modalidade que exerce o seu império face a outras pela sua capacidade de fossilizar no espaço e no tempo, sob a forma de vestígios, como a fotografia, a realidade a qual sem remete.”(p.28)

4 On-line, estar conectado na Internet. Off-line, não estar conectado na Internet.

5 Conhecida também como conexão dial-up, que é uma conexão comutada à Internet, realizada por meio de um modem analógico e uma linha da rede de telefonia fixa, que requer que o modem disque um número telefônico para realizar o acesso. Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. Coordenação executiva e editorial Alexandre F.Barbosa; São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. Disponível em <http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm> acessado em 01 de out de 2009.

6 Site de busca www.google.com

7 Chama-se “wiki”, palavra que no idioma havaiano significa “rápido”, à mais simples e flexível ferramenta de colaboração pela internet. A wiki mais famosa atualmente é a wikipedia, enciclopédia livre da Internet construída por milhões de usuários. ABDO, Alexandre Hannud. Wiki In: SPEYR, Juliano (Org.) Para Entender a Internet: Noções, práticas e desafios da comunicação em rede. 2009. P. 57-58

8 Site de microblogs www.twitter.com

9 Para Marc Augé, não-lugares são lugares que não possuem identidades onde estão instalados, como aeroportos, hotéis, supermercados. Por mais que estes tentem ser miméticos com a cultura local, não dialogam com a identidade local, por exemplo: o aeroporto de Florianópolis por possuir relógios em formato de pranchas de surf, mostra que a cidade tem a cultura deste esporte, porém só faz aparecer este único aspecto das práticas e vivências da cidade. A internet nesse primeiro momento (1995-2003) pode ser considerada um não-lugar pelo simples fato de os internautas não serem os seus produtores e sim meros espectadores, onde a identidade era efêmera, líquida. Podemos pensar assim nos nicknames (apelidos) das salas de bate-papo, que podiam ser modificados a qualquer momento não constituindo um espaço de identidade.

10 IMPOSTO. Hipertexto, Revista Veja. 8 de janeiro de 1997 p.17.

11 PAPAÍ Noel chegou na Itautec Shop, Revista Veja 25 de Dezembro 1996 p. 190.

12 Dado retirado do site do Ministério do Trabalho e Emprego no link http://www.mte.gov.br/sal_min/EVOLEISM.pdf acessado em 13/05/11.

13 HARAZIM, Dorrit. Um primeiro olhar In: Veja Especial de Dezembro de 1995. p. 5 1995. (Grifo do

Autor)

14 A IBM INVENTOU O COMPUTADOR In: Veja Especial de Dezembro de 1995, p. 2-3 1995.

15 O site do especial de trinta anos é http://veja.abril.com.br/30anos/p_116.html acessado em 28/05/11

16 Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. (RECUERO, 2009:103).